

CONTRIBUIÇÃO DA AGB NA CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA UMA OUTRA GEOGRAFIA SEMPRE É POSSÍVEL

Contribution of AGB on the construction of Brazilian Geography. An
other Geography is always possible

Contribución de la AGB para la construcción de la Geografía Brasileña.
Una otra Geografía es siempre posible.

Arlete Moysés RODRIGUES

Profa. Livre Docente – IFCH e IG - UNICAMP
amoyses@terra.com.br

Resumo: O texto apresenta uma visão sobre a AGB e sua contribuição para a Geografia e geógrafos. Enfatiza a complexidade do tema e o analisa na perspectiva do vivido desde 1969, ano em que ingressei na AGB. Detém-se em alguns percalços da vida cotidiana da associação. Procura mostrar como as atividades da AGB contribuem para a socialização do conhecimento geográfico contemplando a diversidade de idéias e ideais. Apresenta alguns aspectos da estrutura interna da AGB, contemplando também a mudança de seu Estatuto, em 1979. Demonstra a importância da AGB na representação dos geógrafos e da Geografia brasileira nas diferentes instâncias no movimento da sociedade brasileira.

Palavras chaves: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Geografia, responsabilidade e representação dos geógrafos e da AGB, 1º Encontro de Geógrafos em 1972, 8º Encontro de Geógrafos em 1990, Movimento da Sociedade e a participação dos geógrafos e da AGB.

Abstract: This article presents a view of AGB and its contribution for geography and geographers. It empathizes the complexity of the theme and make an analysis about its history since 1969, year that I began my activism. The text has the intention to show how the activities of AGB are important to socialize the geographic knowledge and its diversity of ideas and ideology. The article makes a presentation of some structural aspects and also about the changes in its statute, in 1979. Demonstrates the relevancy of AGB for the other Brazilian social movements.

Key words: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Geography, responsibility and representation of geographers and the AGB, 1st National Encounter at 1962, 8th Encounter of Geographers at 1990. Movement of Society and participation of geographers and the AGB.

Introdução

Escrever sobre a contribuição da Associação dos Geógrafos Brasileiros AGB para a Geografia Brasileira deveria presumir uma reflexão profunda sobre a história da AGB, sobre os geógrafos e a Geografia. Isto não será atingida neste artigo.

O tema propicia tanto análises como proposições para a contínua necessidade de (re)construção da AGB que, ao completar 70 anos, realizará debates para mudança de seu Estatuto que poderá auxiliar a resolução de algumas problemáticas de organização.

Pensei, inicialmente, em utilizar alguns "indicadores": temas dos encontros e congressos, artigos contidos nas publicações, mas cada vez que iniciava a análise sentia restrições intransponíveis tendo em vista que as "medições" não auxiliavam a reflexão. Assim, o que se segue é apenas uma reflexão de alguns aspectos do tempo vivido como sócia da AGB.

Pensar nas contribuições da nossa Associação para a Geografia é o mesmo tempo instigante, polêmico, complexo, contraditório e parcial.

O tema é instigante porque obriga a refletir sobre a produção dos geógrafos associados e sobre os eventos e atividades promovidas ou incentivadas pela AGB. Isto implica em pensar

Terra Livre	São Paulo	Ano 20, v.1, n. 22	p. 199-209	Jan-Jul/2004
-------------	-----------	--------------------	------------	--------------

a sua dinâmica interna, sua forma de organização, quem foram e quem são os seus sócios, e de que forma participam nos eventos e atividades.

O tema é polêmico e complexo na medida em que implica em considerar o contexto político nacional e internacional, e as transformações que ocorreram nos estudos de Geografia. A produção e a análise do espaço só pode ser compreendida se a política espacial, nos seus diferentes contextos históricos, for analisada, já que a organização do território depende de ações políticas, sejam elas claramente deliberadas ou apenas indicadas. As políticas desenvolvimentistas marcaram o território com a instalação de unidades fabris de grande porte e com um mecanismo de relações trabalhistas formais. As políticas do pós-fordismo ou da acumulação flexível do capital demarcam outras formas de produção em pequenas unidades e com alterações, chamadas de "flexibilização", nas relações de trabalho. A importância das ações políticas governamentais no território explica porque o Estado e as políticas setoriais aparecem em um grande número de estudos realizados pelos geógrafos. Cabe ressaltar que, em grande parte, as ações políticas são analisadas pelas marcas que provocam no território e na sociedade. Verificar, assim, a importância da AGB considerando o contexto internacional e nacional para analisar as características gerais do espaço já mostra a complexidade e as polêmicas decorrentes. Estas reflexões podem ser visualizadas em vários números de boletins e revistas, e nas temáticas dos encontros e congressos.

O tema é, também, contraditório, pois as formas de analisar o processo constitutivo do território e como os geógrafos se dedicaram a estudar as questões são múltiplas e contemplam diferentes ideais e idéias, variados conceitos teóricos/metodológicos, temas objetos de análises e escalas de representação. Como a AGB pretende contemplar a diversidade é comum verificar numa mesma publicação temas abordados de formas diferentes, o que por si só constitui uma grande contribuição para a Geografia, pois permite a difusão do conhecimento. Nesse sentido, a visão que está aqui sendo apresentada poderá conflitar com outros textos sobre a importância da AGB, o que mostra a importância deste número da Revista Terra Livre. Os leitores dos artigos terão, assim, a oportunidade de verificar as semelhanças e as diferenças, e tirar suas conclusões sobre a importância da AGB, assim como sobre as transformações, mudanças e permanências na Geografia Brasileira.

O tema é parcial, pois para analisar a contribuição da AGB na construção da Geografia Brasileira serão deixados de lado bacharéis e licenciados em Geografia que não participam da nossa entidade, mas que também constroem a Geografia brasileira. Também é parcial por apoiar-se em lembranças pessoais com ênfase em São Paulo. Reflete apenas uma parte da realidade mas, por outro lado, demonstra algumas ações da AGB, o que já é indicativo de sua importância para a Geografia e para os geógrafos.

A produção e a divulgação do conhecimento

Um grande número de revistas, boletins, jornais, jornais eletrônicos, artigos na internet das seções locais e da nacional indicam a importância da AGB na construção da Geografia. Escritos e lidos, em sua maioria, por geógrafos, demonstram uma das formas pelas quais se constrói, se modifica, se altera ou se reconstrói a Geografia. Ressalte-se, contudo, que não apenas as publicações da AGB contribuem com este processo, pois textos e livros são editados pelas universidades e por outros agentes sem a participação da AGB ou dos geógrafos associados. Mas analisando os textos das revistas da AGB, verifica-se que, em geral, são instigantes e demonstram as pesquisas em andamento, em fase de conclusão ou já concluídas. Permitem a circulação das idéias, dos conceitos, do arcabouço teórico e da metodologia utilizada. "Retratam" as condições, contribuições, questões, problemas e problemáticas encontradas na vida de trabalho, estudo e pesquisa. É preciso ter clareza que a própria AGB não realiza pesquisas acadêmicas no sentido restrito do termo, mas as difunde. A ação política realizada pelos sócios ou pela direção da AGB implica em realização de pesquisas no sentido amplo e em divulgação da Geografia e dos geógrafos.

Ao reler textos de Montaigne, citado por Alain de Botton, detive-me na idéia de apontar, genericamente, a importância das revistas e boletins para verificar a contribuição da AGB para a Geografia: "Existem mais livros sobre livros do que sobre qualquer outro assunto: tudo o que fazemos é glosar uns aos outros. Tudo não passa de uma enxurrada de comentários; **de autores propriamente ditos, existe uma escassez absoluta**". (Botton, A., 2001, p. 189 - grifos meus). Montaigne se refere a livros e textos que repetem outros autores como papagaios sem julgar

ou analisar o que está sendo reproduzido. Penso que, ao contrário do que diz Montaigne, as publicações da AGB mostram a realização de pesquisas realmente densas. Não há escassez de autores, no sentido empregado por Montaigne, mas abundância. Nos artigos, é claro, não se excluem citações que comprovam o método e as idéias apresentadas ou que dialogam com os autores citados nos artigos.

A abundância de geógrafos que refletem sobre os problemas e que participam da AGB pode também ser verificada nas palestras, debates, mesas redondas, comunicações livres, painéis, encontros, simpósios e congressos, onde se problematiza a Geografia e a atuação dos geógrafos. Os eventos científicos são, assim, o lugar da troca, de debate e de possibilidades infinitas de construção do conhecimento. E, quando os textos de eventos científicos são publicados, permitem analisar quais os temas que estão sendo objeto de reflexão em cada período histórico e, portanto, também compreender a dinâmica da própria Geografia. Isto sem falar nos cursos, que se tornam um momento propício para divulgação de conhecimento entre os vários associados da AGB, que permitem aprofundar um determinado tema. Considerando que na dimensão continental do Brasil os custos de deslocamentos são elevados para realizar cursos específicos, aproveitamos os momentos de encontro para uma troca profícua de conhecimento.

Em outros momentos contestei os cursos ministrados nos encontros, ponderando que era uma forma de minimizar a formação insuficiente realizada por faculdades privadas. Hoje, mesmo permanecendo a considerar este fato, pondero que a comunidade geográfica e a Geografia brasileira acabam por se fortalecer pela troca de conhecimentos.

Analisar os cursos que mais interessam e que são mais procurados, dependendo do período, pode indicar tanto a importância dos temas como a disponibilidade de companheiros que os ministram. Uma pesquisa deste tipo poderá ser empreendida para se ter a dimensão mais correta dos temas e assuntos com demanda crescente ou decrescente. Diga-se, de passagem, que os professores, bem como todos os convidados para mesas redondas, ministram os cursos gratuitamente, apenas sendo ressarcidos das despesas de deslocamento e hospedagem.

Depoimento

Para dar maior clareza sobre a importância da AGB, cito ainda Montaigne: "Se eu fosse um homem de grande erudição, encontraria o suficiente para tornar-me sábio em minha própria experiência (...) uma vida, imperial ou plebéia, é sempre uma vida afetada por todos os percalços a que um homem está sujeito" (Button, A., 2001, p. 189).

Resolvi utilizar Montaigne para pensar a contribuição da AGB na vida dos geógrafos e escrever este artigo com base na minha experiência, mesmo não sendo erudita, muito menos sábia. Considero que a AGB tem a vida afetada, transformada, modificada, por todos os percalços de uma associação científica que sobrevive da contribuição de seus associados que, por sua vez, lutam cotidianamente por sua própria sobrevivência. Refletir sobre a vida da e na associação pode nos auxiliar a verificar a influência da AGB na construção de nossos ideais da Geografia.

Esta reflexão é, portanto, um breve depoimento de minha trajetória na AGB, desde que me associei a Seção Regional de São Paulo, em 1969. Em 1968, na PUC, ouvi falar pela primeira vez que na AGB se debatia, além de todas as questões conjunturais da ditadura militar, também a Geografia e suas transformações. Naquela época, na PUC, não tínhamos contato com a produção científica e com os debates que se faziam na AGB, já que as lutas estavam centradas em movimentos contra o regime ditatorial. Mudar da PUC para a USP, pelas mesmas circunstâncias históricas do período da ditadura militar, foi encontrar também a AGB.

A AGB era o espaço além das salas de aulas, dos corredores, das manifestações. Podíamos debater a Geografia, saber o que se passava no mundo na produção científica em geral e aprofundar os conhecimentos sobre o momento histórico em debate franco e aberto entre estudantes e professores sócios da AGB – Seção Regional de São Paulo. Alguns textos devem falar sobre a forma de organização da AGB no período em que para ser sócio titular da AGB - Nacional era necessário ser formado, demonstrar ação e pesquisa como geógrafo e, inclusive, ser apresentado por sócios titulares. Outros artigos devem falar sobre os embates e debates de 1978, em Fortaleza, que provocaram a convocação da Estatuinte em 1979, em São Paulo. Aqui apresento minhas lembranças, que podem coincidir ou não, com outras ou com o que está registrado nas tantas atas da entidade.

Mesmo antes das alterações de 1979, éramos na Seção Regional de São Paulo, todos "iguais". Realizávamos em conjunto trabalhos e grandes debates. Um aprendizado de organização e de democracia durante o período da ditadura militar, quando as mordças tentavam nos impedir de pensar e de agir. Autores estrangeiros foram editados de modo informal, sem editora, como Yves Lacoste, "a Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra"¹ permitindo conhecer as alterações e mudanças da Geografia, em especial as que ocorriam na França. Pensar que não tínhamos acesso a produção de autores de fora do Brasil pode parecer uma brincadeira, mas era a realidade do momento. A publicação de "Seleção de Textos", iniciada em 1967 pela Seção Regional de São Paulo, "destinava-se à publicação de trabalhos originais ou transcrições de textos, com finalidade didático-científica" (AGB - São Paulo - Seleção de Textos nº 1 - 1976), tornou-se uma publicação importante e constante e expressou, em 1978, ter como objetivo "por em crise a teoria e a prática da Geografia atual, estimulando o debate e a crítica; repensando os rumos da Geografia no Brasil de modo a colocá-la pari passu à reconstrução da sociedade e facilitar o acesso dos estudantes e leitores em geral a textos de circulação restrita, em especial aqueles publicados em língua estrangeira" (AGB - São Paulo - Seleção de texto nº5, 1978). A explicitação sobre os objetivos da "Seleção de Textos" mostra, claramente, o processo da Geografia brasileira na conjuntura histórica e o intuito de democratização do conhecimento. Sem dúvida, uma imensa contribuição da AGB para a Geografia brasileira.

Os autores dos primeiros números são símbolo desta contribuição para a Geografia Brasileira. Textos de A. V. Anuchin e Milton Santos (AGB - São Paulo - Seleção de Textos nº 1, 1976), de Octavio Ianni e F. Prandini e outros (AGB - São Paulo - Seleção de Textos nº 2, 1976), de Manuel Castells e James Anderson (AGB - São Paulo - Seleção de Textos nº 3, 1977) e de D. F. Maza Zavala (AGB - São Paulo - Seleção de textos nº 4²), dão a dimensão do significado da publicação. Os autores dos primeiros números da "Seleção de Textos" comprovam que, ao contrário do que dizia Montaigne, não faltam autores na Geografia. Faltavam, na época, meios de divulgá-los, e isto foi conseguido pelo esforço da AGB. Escrever os nomes dos autores dos primeiros números serve também para reafirmar a importância da AGB para a Geografia. Ressalto, além da continuidade da Seleção de Textos, a publicação a partir de 1980, da Série Geografia Ontem e Hoje - "Reflexões sobre a Geografia", que tinha como objetivo tornar conhecidos autores que tratavam da Geografia numa abordagem diferente ou considerada inovadora para o período. O primeiro número contém artigos de Jean Dresch, Raymond Guglielmo, Orlando Valverde, Milton Santos e Jean Tricart³.

O conhecimento da produção da Geografia era, também, uma forma de desvendar o mundo e suas relações sociais, econômicas e políticas. Esta contribuição da AGB não poderá ser medida por "indicadores", mas pela experiência do vivido. Se eu tivesse como escrever este artigo em conjunto com vários companheiros da época, com destaque para Manuel Seabra, entre outros companheiros da AGB, daria um grande texto⁴. Quero ressaltar que o Boletim Paulista de Geografia nº 54, de junho de 1977⁵, deixou uma importante contribuição sobre teoria e método. Foi o primeiro número do BPG temático, que por si só demonstra a importância da AGB para a construção da Geografia, iniciando um novo formato de publicação do Boletim que implicava também em alteração do conteúdo e a constituição efetiva de Conselho Editorial⁶.

¹ Edição mimeografada realizada pela AGB - São Paulo e que teve ampla circulação. Yves Lacoste recebeu um exemplar da edição por intermédio de Milton Santos.

² A diretoria de Publicações da AGB - São Paulo estava sob a coordenação de Myrna Terezinha Rego Viana e José M. Gusmão Pinto.

³ Centrando-me nas minhas lembranças na AGB - São Paulo, deixo de citar outras publicações e atividades de outras seções regionais (antes de 1979) e das seções locais (após 1979). Ou seja, são citações muito parciais.

⁴ Todos aqueles que estiveram neste processo sintam-se, por favor, citados. Considerem o nome que destaquei como a recordação de que éramos muitos e que fazíamos parte do processo.

⁵ A diretoria de Publicações da AGB estava sob a responsabilidade de José M. de Gusmão Pinto.

⁶ Os textos do BPG n.54 são de Manoel Correia de Andrade, Silvio Carlos Bray, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Henrique Rattner e Milton Santos.

Ressalto também a publicação do BPG 55, que continha o texto "A Geografia está em crise. Viva a Geografia!" (Gonçalves, 1978). Este texto foi apresentado no 3º Encontro em Fortaleza, provocando intensos debates que contribuíram para deixar ainda mais evidente a crise dos estudos em Geografia.

A importância da AGB aparece, em minhas lembranças, no retorno de Milton Santos ao Brasil. Debatíamos a sua produção científica, procurávamos traduzir e divulgar seus textos e estávamos empenhados no seu retorno para o Brasil. Em 1975, Milton Santos esteve em Campinas para uma palestra. Na ocasião, foi procurado por Myrna T. R. Viana, então Coordenadora de Publicações da AGB - São Paulo, que expôs nossa vontade em conhecer sua produção e o interesse em publicar seus textos e livros. Milton Santos informou que não estava conseguindo publicar no Brasil e então entregou os originais (em francês) de "Espaço Dividido" (Santos, Milton, 1979), publicado quando ele já se encontrava no Brasil. Mas, como já dito, alguns textos foram traduzidos e publicados na "Seleção de Textos" e no Boletim Paulista de Geografia n. 54 (Santos, Milton - 1977) antes de seu retorno, em publicações de 1976 e do início de 1977.⁷ Lembro, também, de uma conversa coletiva que fizemos, muitos associados da AGB - São Paulo, logo após o retorno de Milton Santos⁸, na casa de Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Era uma espécie de recepção (sem comer e beber) ao geógrafo Milton Santos, que retornava ao nosso convívio. Penso que esta foi também uma contribuição fundamental da AGB para a Geografia Brasileira, divulgando a obra de Milton Santos, fundamental para a Geografia brasileira.

Um outro marco importante, nas minhas lembranças, foi o Primeiro Encontro de Geógrafos, em 1972, em Presidente Prudente. Reunir mais de 400 profissionais foi um demonstrativo de que a AGB funcionava como um dos motores da produção e da difusão da Geografia. Este episódio, recordo-me bem, deixou a polícia política "impressionada" com o fato de um Primeiro Encontro reunir tanta gente no interior do Estado de São Paulo.

Além de um demonstrativo da força da comunidade de agebeanos, neste encontro foi possível assistir a um debate entre posições antagônicas entre a Geografia Quantitativa e/ou Teórica (como ficou conhecida inclusive com a publicação do Boletim de Geografia Teórica) e a Geografia Qualitativa, que ainda não era denominada crítica.

Os protagonistas do debate sobre as diferenças teóricas e metodológicas foram Manoel Correia de Andrade e Roberto Lobato. Permito-me citar estes dois grandes mestres não só pela sua importância na AGB e na Geografia mas, também, porque, à época, somente um encontro da AGB, dois geógrafos, um do Rio de Janeiro e outro de Pernambuco, poderia possibilitar aos formados e estudantes acompanhar um debate científico da melhor qualidade. O debate/embate acalorado mostrava a preocupação em elucidar metodologias e conceitos teóricos importantes para a Geografia brasileira. O relato pode parecer insignificante face as novas questões que dizem respeito a globalização da economia, o mundialismo ou a mundialização, o lugar, as "novas" atividades urbanas rurais, a atividade turística, o debate teórico e metodológico sobre espaço, território, sociedade, ambiente e natureza, entre outros, mas naquele momento debatia-se a matematização do espaço que poderia ocorrer com quantificações abstratas e a qualificação da análise do espaço com as pesquisas de campo e suas formulações teóricas.

Estes embates teóricos/metodológicos, assim como o aconteceu em 1972, ocorrem em todos os eventos da AGB, mas na minha lembrança esse evento aparece como singular, por ser o início da minha vida acadêmica, minha primeira participação num encontro da AGB - Nacional e em suas excursões, que contribuem na construção de um arcabouço teórico com o conhecimento prático da realidade local.

A troca de informações sobre as pesquisas, os debates e embates nos encontros, simpósios, nas publicações, faz da AGB o elemento transmissor de conhecimento das diversas correntes teóricas e metodológicas representadas no Brasil; da diversidade de pesquisas realizadas; dos

⁷ Para poder ter informações um pouco mais precisas contei com a colaboração principalmente de Myrna T. R. Vianna, Ariovaldo Umbelino de Oliveira e José M. Gusmão. É evidente que se alguma informação não coincidir com as datas exatas é porque minhas lembranças falharam.

⁸ Há controvérsia sobre se a nossa conversa foi em 1976, numa vinda de Milton Santos para participar de um seminário ou 1977 quando de seu retorno, inicialmente para a Bahia.

trabalhos e atividades em salas de aulas e; das análises dos geógrafos que estudam Geografia Física e Geografia Humana. Os encontros são, também, o momento para discutir a estrutura interna da AGB. Este debate assume, muitas vezes, proporções que parecem estar dissociadas dos temas de mesas redondas, grupos de trabalho, apresentação em painéis e comunicações livres. A plenária final centra-se na necessidade de constituir e eleger uma nova diretoria da nacional e, em função dessa dinâmica, há pouca avaliação sobre os trabalhos científicos, o que prejudica a possibilidade de uma visão geral sobre o conteúdo dos encontros.

Os debates foram também acalorados em 1974 e em 1976, tornando-se mais fortes ainda em 1978, pois várias problemáticas se colocavam: a crise dos estudos de Geografia e o movimento pela participação de estudantes e formandos na AGB - Nacional. Estes debates sobre a crise na Geografia sintetizavam as possibilidades teóricas e metodológicas de análises do espaço e os sobre o movimento para alteração dos estatutos demonstram o momento histórico e as lutas pela democratização do país. Os dois aspectos da problemática estavam imbricados, mas considero importante ressaltar as duas características que foram objeto de intensos debates.

As mudanças do Estatuto em 1979

As mordanças impostas pela ditadura militar estavam ainda presentes, mas o movimento da sociedade buscava brechas para instituir formas democráticas de participação. No Encontro de Fortaleza, em 1978, estas brechas eclodem com as propostas de mudança do Estatuto da entidade. Em São Paulo, muitos geógrafos se associaram a AGB - Nacional, para se integrar ao debate e propor mudanças estatutárias, em conjunto com os muitos sócios titulares que também queriam solicitar alterações no estatuto. A plenária contou com debates acalorados, natural no contexto histórico com as problemáticas que estavam em pauta. Contrários à instalação da "estatuinte", alguns argumentavam que a proposta não constava previamente da pauta da reunião onde seria "eleita" a Diretoria Nacional pelos sócios titulares, gerando um grande embate. Finalmente, a mesa concordou em fornecer cinco minutos para a coleta de assinaturas dos sócios titulares visando convocar uma reunião extraordinária para mudança de Estatuto. Muitos dos que queriam promover as mudanças não puderam assinar o documento pela forma como foi conduzida a Assembléia e, de certa forma, também o processo geral até a mudança estatutária de 1979. Assim vários geógrafos que sempre contribuíram para a Geografia brasileira ficaram afastados da AGB, somente voltando a participar do cotidiano da entidade alguns anos depois. Trata-se de uma experiência que demonstra a sabedoria destes homens e mulheres, que reconheceram as características do momento histórico e retomaram suas contribuições. Aproveito para prestar-lhes minha homenagem e externar o meu grande prazer em ter convivido com eles. Cabe ainda lembrar que após a convocação da Assembléia Extraordinária para reforma estatutária os diretores da nacional eleitos na plenária em Fortaleza, consideraram que não teriam condições de promover os debates para encaminhar a reforma do Estatuto e assim formou-se uma Diretoria Provisória com o objetivo precípuo de dar continuidade aos debates de Fortaleza. Um período tumultuado, contraditório, com inúmeros percalços a serem vencidos. Mas, finalmente, em que pese todas as dificuldades, a Plenária Estatuinte, em 1979, realizou profundas reformas no Estatuto da AGB.

No mesmo período, os temas apresentados nas Mesas Redondas e comunicações livres reafirmavam que o paradigma da Geografia estava em crise. Na AGB se debateram os métodos e os conceitos teóricos que estavam embasando uma Geografia que se prendia às descrições sem grandes análises, a Geografia quantitativa que apresentava dados e mais dados. Nenhuma das vertentes parecia incluir os debates teóricos para a difusão de uma Geografia comprometida com as transformações societárias. Os paradigmas científicos estavam postos em questão e o paradigma da Geografia parcelaria, dividida em humana, física, e cada uma destas partes, por sua vez subdivididas em outras divisões, estava em debate, ou seja, as "geografias", em suas múltiplas formas de separação das análises tanto da Física como da Humana.

Uma dos aspectos colocados no início é que de que os textos aqui apresentados podem ser conflitantes entre si, o que poderá, penso, ser constatado nas percepções dos eventos que ocorreram em Fortaleza, pois a vivência de 1978/79 foi diferente para cada um dos participantes. Minha versão é a de quem participou dos debates e que, na plenária, era apenas ouvinte, já que não éramos sócios titulares.

A mudança estatutária de 1979 foi uma contribuição inegável para a Geografia brasileira e para o próprio Brasil, pois se implanta um processo democrático no âmbito de uma associação que passa a congregiar formados e estudantes do país inteiro. Mesmo que tenhamos clareza que a democratização das partes não implica, necessariamente, na democratização do todo, a nova forma de organização da AGB foi um processo impar naquele momento histórico. Um processo democrático que mostrava a necessidade e a urgência da igualdade. Igualdade que também pressupõe diferenças. Só os iguais podem ser diferentes. As diferenças ficaram explicitadas na contribuição diferente para os associados estudantes e formados. A igualdade ficou explicitada no fato de todos poderem eleger e serem eleitos como diretores das Seções Locais e da Nacional, desde que em dia com a anuidade das Seções Locais. Igualdade para debater as formas de organização da AGB nas reuniões de gestão coletiva que contam com os representantes das locais. Igualdade no fato de que as seções locais devem contribuir para a existência da Nacional tendo em vista o número de associados e o valor da anuidade. Não havia mais sócios titulares. Não eram mais duas associações, mas uma apenas que dependia e depende da organização das locais para a existência da Nacional.

O princípio da igualdade guarda também outras diferenças, pois nem sempre é possível o deslocamento dos representantes das seções locais para participar das reuniões de gestão coletiva, por falta de recursos. Um processo democrático que muitas vezes impõe percalços a serem vencidos e que demonstra a responsabilidade e o empenho das seções locais na contínua reconstrução da AGB.

A vida da AGB é, assim, uma vida afetada por todos os percalços a que uma associação democrática está sujeita e é preciso aprender com os percalços para sermos mais sábios com a experiência adquirida. Ao escrever esta frase dei-me conta que passei a falar de uma contribuição específica da AGB para a Geografia brasileira: a de pensar a democracia e a igualdade de direitos *ao* e *no* território e na sociedade, ou seja, no espaço. Uma entidade democrática tem por princípio pensar a democracia no país que como todos sabemos ainda é um processo em construção.

Com as mudanças no Estatuto de 1979, a contribuição da AGB para a Geografia brasileira tornou-se mais profícua. Os encontros, simpósios, congressos, debates, publicações passaram a contar com maior número de associados e assim a difusão do conhecimento amplia-se. Mas, também, aumentam os problemas para organizar encontros, pois é necessário prever e prover para um maior número de participantes, alojamento, alimentação, locais que comportem grandes platéias e locais menores. Novos temas de encontros são incluídos: Fala Professor e Simpósio de Geografia Urbana, são exemplos. Amplia-se a participação nos Simpósios, Encontros, Congressos. As Plenárias que debatem as proposições apresentadas no decorrer dos encontros mostram a importância da AGB no contexto nacional. Não me detive na análise das proposições, mas na minha lembrança fica marcado que a questão da presença da AGB na sociedade tem um grande destaque.

Detenho-me, agora, na lembrança do Congresso de 1984, realizado em São Paulo, quando a AGB completava 50 anos de existência. Além de muitas outras tarefas necessárias para a realização de um Congresso/Encontro, uma delas diz respeito a preparação de excursões programadas. Para fazer o roteiro de uma das excursões, sob a coordenação do Prof. Manuel Seabra, foi preciso estudar as formas de ocupação do espaço dos diferentes tipos de moradia, realizar levantamentos sobre a produção nacional e de São Paulo. Percorrer diferentes roteiros escolhendo um que pudesse dar conta de mostrar a diversidade e compartilhar o conhecimento obtido sobre a cidade de São Paulo. O texto elaborado para subsidiar a excursão foi publicado no Boletim Paulista de Geografia n. 64 (Seabra, Manoel e Rodrigues, Arlete M., 1986). Esta é outra forma de contribuição da AGB para a Geografia Brasileira, o conhecimento do território para excursões, organizadas pelas seções locais, permite aos associados do Brasil que moram em outros locais, conhecer o lugar onde se realizam os encontros. Não estou falando de "turismo" mas do conhecimento dos lugares onde se realizam os encontros vistos pela ótica dos geógrafos que moram na cidade onde se realiza o evento e que sempre é ampliada pela participação de quem analisa o espaço.

Talvez, para seguir a linha de raciocínio, eu devesse fazer uma breve consideração sobre os tantos debates que comprovam a contribuição da AGB para a Geografia brasileira. Mas farei um salto temporal para falar da gestão em que fui eleita Presidente da AGB, numa composição com companheiros de relevante atuação, tanto na AGB como na Geografia. Penso que é o que se espera dos ex-presidentes da entidade neste número da Revista Terra Livre.

Cabe destacar que, desde a alteração estatutária de 1979, poucas foram as vezes em que chapas se inscreveram antes da plenária final.⁹ Em Campo Grande, em 1986, havia duas chapas concorrentes. Em 1988, no Encontro realizado em Maceió, também duas chapas concorreram e a que eu fazia parte foi eleita. Depois deste período, pelo que eu me recorde, não houve disputas entre chapas. As Diretorias Nacionais - tem sido assim desde então - são formadas e eleitas nos debates das plenárias finais.

Em 1988, período no qual me detenho, a singularidade das chapas concorrentes estava relacionada ao contexto histórico do Brasil. A AGB simbolizava, para nós, um lugar específico para os debates sobre diferenças e divergências em relação à condução da Associação e dos instrumentais teóricos/metodológico da própria Geografia. Era também a "representação" dos associados para além da AGB e da Geografia. Tratava-se, segundo nosso entendimento, de intensificar nossa representação na sociedade.

Em 1988, em Maceió, chuvas intensas provocaram enchentes, prejudicando muitos alagoanos e, por tabela, também dificultando a organização do encontro. Um relatório foi elaborado pelos integrantes da Associação, nos dias que precederem o Encontro, mostrando as reais causas das enchentes. Foi, sem dúvidas, uma importante contribuição da AGB para a Geografia brasileira, pois se fez um diagnóstico da grave situação social do Estado num espaço dominado por uma oligarquia poderosa, simbolizada na figura do então governador Fernando Collor de Mello.

Na ocasião, programamos uma manifestação em frente ao Palácio para marcar a entrega do relatório, com o intuito de mostrar à sociedade alagoana a necessidade de compreender a dinâmica que ocasionaram as enchentes e a necessidade de "tornar público o espaço público", ou seja, as entradas do Palácio, já que esperávamos, como nos haviam precavido, encontrar suas portas fechadas. Tentávamos, além disso, mostrar que os movimentos da sociedade podem provocar mudanças reais na realidade. Mas, além de percebermos, durante o percurso de nossa manifestação, que o que fazíamos não tinha repercussão positiva entre os alagoanos, Collor nos recebeu cordialmente, abrindo as portas do Palácio. Desmontava-se, ali, um dos motivos de nossa mobilização. De qualquer modo ficou uma lição para todos. De alguma forma é preciso iniciar as manifestações da sociedade civil e se naquele momento não teve o resultado esperado, aprendemos que as manifestações amplas da sociedade podem surtir efeitos como ficou demonstrado no processo do *impeachment* do então Presidente Fernando Collor de Mello.

O grande fato positivo deste episódio foi demonstrar que a participação da AGB, socializando o conhecimento produzido por seus associados, representa uma grande contribuição para o conjunto da sociedade que, na posse deste conhecimento, pode melhor interferir nas realidades locais.

O período de 1988 a 1990 teve grande mobilização da Sociedade Civil Brasileira e nela engajou-se a AGB. É, também em 1988, que se intensifica a participação da AGB nos Encontros Latino-Americanos de Geógrafos. Antes mesmo do Encontro, em 1988, durante o Congresso Constituinte, a AGB foi uma das entidades que participou ativamente da elaboração das Emendas Populares à Constituição, entre elas a da Educação, a da Reforma Agrária e a da Reforma Urbana, áreas e temas que são objetos de estudos de muitos associados. A Associação contribui, assim, não apenas com a Geografia brasileira, mas com a nossa representação na sociedade, com extrema relevância sócio-política. Voltando um pouco no tempo, recordo-me das manifestações pelas "Diretas Já", onde a faixa com os dizeres "AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros",

⁹ A eleição da Diretoria Nacional antes de 1979 era feita pelos sócios titulares e não sei se havia chapas concorrentes ou não.

em São Paulo, aparecia em destaque. Esta presença no cenário político nacional tem sido fundamental na construção e reconstrução da AGB. Estes poucos exemplos da ação política empreendida pelos associados da AGB demonstram que algumas críticas que afirmam que os geógrafos não têm participação ativa na dimensão política são improcedentes.

O movimento da sociedade civil ganha outra visibilidade em 1988, com as eleições municipais, quando vários partidos progressistas elegeram prefeitos e vereadores, e em 1989, com as eleições para Presidente da República que, infelizmente, elegeu Fernando Collor de Melo. Em 1990 logo após a posse, o Plano Collor retira dinheiro da "praça", congelando contas e cadernetas de poupança acima de cinquenta cruzados, atingindo fração significativa da população brasileira.

Neste ano, a AGB teve que vencer dificuldades financeiras enormes para realizar o Encontro em Salvador - a vida como dirigente da Associação acaba por nos ensinar como contornar obstáculos que parecem intransponíveis para que o debate científico se realize. Os poucos recursos que dispúnhamos foram "congelados" por Collor e foi preciso uma ação jurídica para liberá-los posteriormente. Somava-se à penúria financeira o fato das entidades de fomento também possuírem poucos recursos para auxiliar os encontros e congressos. Para tornar o Encontro possível, os convidados para mesas redondas, para ministrar os cursos, indicados e votados nas reuniões de Gestão Coletiva, como se procede desde as mudanças estatutárias de 1979, pagaram a maior parte de suas despesas. Conseguimos viabilizar, com o projeto encaminhado ao CNPq, apenas meia passagem de avião e pequena parte da hospedagem dos convidados e, com auxílio da FINEP, conseguimos a publicação dos Anais¹⁰. A falta de recursos, porém, não impediu a grande participação. O vultoso número de participantes coroou o empenho e a solidariedade de todos os agebeanos.¹¹

Uma das questões emblemáticas da participação da AGB no movimento da sociedade foi a aprovação, em 1988, na plenária de Maceió da filiação da AGB à Central Única dos Trabalhadores - CUT. A Central Única dos Trabalhadores não poderia aceitar a nossa filiação, pois a CUT é uma central sindical e a AGB congrega diferentes categorias de profissionais. Também, porque a AGB congrega estudantes que não são considerados passíveis de estarem representados num sindicato ou numa central sindical. A participação de representante da CUT em Salvador, em 1990, encerrou uma polêmica interna que ocorreu durante dois anos, ou seja, a idéia de que não havia empenho por parte da Diretoria Executiva Nacional em cumprir uma das deliberações da Assembléia de Maceió. Mas, o mais importante a ressaltar, é que a intenção em filiar-se a uma central sindical, num momento de crescente mobilização social, demonstrava o interesse dos geógrafos em participar do movimento geral da sociedade.

Assim retomo a idéia de que a igualdade pressupõe diferenças. Neste caso a igualdade da forma de organização da AGB tinha diferenças com a forma também igualitária de organização das centrais sindicais. Na AGB a igualdade dos associados implica em aceitar as diferenças. Na CUT a igualdade implica em aceitar as diferentes categorias de trabalhadores filiados aos sindicatos que definem sua filiação às centrais sindicais.

Da mesma forma, as diferenças de organização ocorrem entre o Sistema CONFEA/CREAs e a AGB. O sistema congrega os bacharéis que se registram nos CREA para exercerem suas atividades. A AGB congrega, como sabemos, estudantes, bacharéis, licenciados e mestres e doutores em Geografia mesmo que não sejam bacharéis em Geografia e outros interessados na Ciência Geográfica. Assim para a continuidade da representação dos geógrafos no Sistema CONFEA/CREAs, a AGB necessita explicitar para o CONFEA quais os geógrafos associados da AGB que têm registro no CREA.

¹⁰ A diretoria que nos sucedeu não conseguiu efetivar a publicação o que só foi possível na diretoria eleita em 1992, como poderá ser visto na contra-capá dos Anais.

¹¹ A Universidade Federal da Bahia tinha passado por uma longa greve e não foi possível realizar o encontro nas suas dependências. Às vésperas do encontro, não tínhamos onde realizar o evento. A liberação da Universidade Católica tornou-se possível pela mediação realizada por Milton Santos, que afinal não pode comparecer porque estava com viagem marcada para a França. Ao Milton Santos devemos expressar nossa eterna gratidão pois sem a sua intermediação teríamos que alterar o local do Encontro.

Fica aqui, explicitado, que a igualdade nas formas de organização de cada setor da sociedade também pressupõem diferenças. Assim a igualdade no interior da nossa entidade propicia a reflexão de questões importantes na nossa forma de representação externa e na nossa organização interna e temos, portanto, que vencer os obstáculos sempre que eles se colocam como uma necessidade para que a AGB cumpra uma das suas propostas de representação dos seus associados.

O tema do 8º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Salvador, "Movimento Brasileiro, Movimento Geográfico: Território, Ambiente, Cidadania", é símbolo da inserção da AGB e, portanto, da Geografia brasileira, num dos períodos de maior visibilidade das organizações da sociedade brasileira. Os debates tiveram como eixo pensar o movimento ininterrupto da Sociedade e suas diferentes formas de organização. Também as três edições da Terra Livre do período: O Espaço em Questão (número 5), Território e Cidadania - Da Luta pela Terra ao Direito à Vida (número 6) e Geografia: Pesquisa e Prática Social (número 7), enfocaram o debate sobre questões teóricas e metodológicas da análise do espaço, o tema do movimento da Sociedade e as pesquisas na sua vinculação com a prática. Esta foi a ênfase do momento histórico e, em sintonia, também da AGB.

Evidentemente, a temática de todos os encontros já realizados – e não foram poucos – pode demonstrar as inúmeras contribuições da Associação para a Geografia brasileira. Comprovam também a singular representatividade da AGB na sociedade. Mesmo tendo dificuldades em fazer a avaliação "imparcial" das contribuições da AGB neste período de 1988 a 1990, pois era parte integrante da Executiva Nacional, posso afirmar, passados tantos anos, que aprendemos a dialogar e a compreender as dificuldades para vencer obstáculos. Auxiliamos, afirmo tranquilamente, a construir uma Geografia comprometida com transformações sociais democráticas e igualitárias. Os grandes amigos geógrafos em todos os lugares do Brasil, em especial os que debatiam nas seções locais e elas representavam, principalmente quando divergiam, foram fundamentais para elucidar questões e vencer os obstáculos. Assim como aqueles que faziam parte da Diretoria Nacional, que empreenderam a caminhada na qual todos aprendemos, juntos, a caminhar. Um caminho que, revisitado, demonstra a importância da AGB para a Geografia brasileira.

Considerações finais

Enfim, pensar essa contribuição é um tema relevante. Ao mesmo tempo, é complexo escrever sobre o assunto. Refletir sobre a história, avaliar erros e acertos é, sem dúvida, a melhor forma de colaborar para a atuação da Associação. Para rememorar mais precisamente um pouco dessa história, transcrevo aqui o trecho final do relatório apresentado no Encontro de Salvador, em 1990:

"Uma avaliação do trabalho desenvolvido pelas Seções Locais nestes dois anos permite dizer que suas atividades pouco se diferenciaram da Diretoria Nacional. Verifica-se de maneira ampla a preocupação com relação ao Ensino, Meio Ambiente, Urbana e Agrária. Grande parte das Seções Locais promoveu atividades ligadas ao Ensino de Geografia. O debate sobre Meio Ambiente esteve presente nas questões dos impactos ambientais causados pelas atividades produtivas, muitas vezes com ampla repercussão, como os debates sobre o Projeto Rio Guaíba em Porto Alegre e a Termoelétrica de Paulina em Campinas. A Questão Agrária e a Questão Urbana identificaram a participação dos geógrafos nos movimentos sociais, daí o envolvimento de muitas seções locais na luta de resolução de problemas ligados a terra e/ou solo urbano. Um fato de destaque no trabalho das locais foi o envolvimento nas Constituições Federal e Estadual e nas Leis Orgânicas Municipais."

"É importante dizer que o movimento da AGB expressa sua articulação com a conjuntura social brasileira hoje. Uma distinção talvez possa ser feita. Os grandes temas, de âmbito nacional são discutidos nas reuniões de Gestão Coletiva e encaminhados pela Diretoria Nacional, temas mais locais e/ou regionais ficam a cargo das Seções Locais. A articulação dessas escalas de trabalho talvez permita a visualização integral da atuação dos Geógrafos Brasileiros" (1990 p.6).

Todos os artigos dessa publicação, com diferentes visões refletindo momentos históricos diversos, dão a dimensão da relevância da Associação dos Geógrafos Brasileiros para a Geografia brasileira. E a contribuição da Revista Terra Livre ao pensar no tema será a marca desta comemoração.

Ao iniciar este artigo pensei nas dificuldades que teria ao escrevê-lo. Ao terminá-lo, devo dizer que mesmo considerando as dificuldades foi muito prazeroso, pois retomei em minhas lembranças um momento muito importante de minha história e, principalmente, porque estimulou - para suprimir lagunas de minha memória - conversas com vários dos colegas agebeanos.¹² Mas, talvez, principalmente por descobrir a importância da AGB na minha formação como geógrafo e como atuante política. Termino com uma frase da Revista Caros Amigos, que relata a Caminhada pela Paz na abertura do III Fórum Social Mundial, em 2003, em Porto Alegre:

“nas cinco avenidas que, como as varetas de um leque, convergem para o centro de Porto Alegre, o trânsito está paralisado. As pessoas que lotam os ônibus começam a desembarcar. Seguem a pé, apressadas, enchendo as ruas. Muitos começam a correr. Vai sair a caminhada pela paz que abre o III Fórum Social Mundial(...). Agitam bandeiras, exibem cartazes, faixas, distribuem panfletos, gritam palavras de ordem (...). A maioria está em grupo, representam ONGs, movimentos sociais, entidades profissionais, comitês de solidariedade, sindicatos, todos com suas bandeiras (...). **Também comparece a Associação dos Geógrafos(...).** O importante, o essencial, era o sentimento. O sentimento de que alguma coisa é possível. A Paz quem sabe”. (Bones, E., 2003, p. 16 e 17-grifos meus).

A importância da AGB não pode ser medida por “indicadores” simples, mas pela forma complexa como os associados atuam e como interagem entre si e com a sociedade. E, sempre, uma outra Geografia será possível tendo como um dos motores de sua história a AGB-Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Bibliografia citada

- AGB – São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia – Sobre Teoria e Método*. São Paulo: AGB, 1977.
- AGB - São Paulo. *Geografia Ontem e Hoje - Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo, 1980.
- AGB - São Paulo. *Seleção de Textos nº 1*. São Paulo: AGB, 1976.
- AGB - São Paulo. *Seleção de Textos nº 2*. São Paulo: AGB, 1977.
- AGB - São Paulo. *Seleção de Textos nº 3*. São Paulo: AGB, 1977.
- AGB - São Paulo. *Seleção de Textos nº 4*. São Paulo: AGB, 1978.
- AGB - São Paulo. *Seleção de Textos nº 5*. São Paulo: AGB, 1978.
- ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. *Relatório de Atividades da Diretoria Executiva Nacional - Gestão 1988/90*. São Paulo: AGB, mimeog., julho de 1990.
- BONES, E. O dia em que a Paz foi possível. *Revista Caros Amigos*. III Fórum Social Mundial – Número Especial. São Paulo: Casa Amarela, março de 2003.
- BOTTON, Alain de. *As consolações da Filosofia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. A geografia está em crise. Viva a Geografia! *Boletim Paulista de Geografia nº 55*. São Paulo: AGB, 1978.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. São Paulo: Francisco Alves, 1979 (tradução de Myrna T. R. Vianna).
- SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A formação Social como teoria e método. *Boletim Paulista de Geografia nº 54*. São Paulo: AGB, 1977.
- SEABRA, Manoel, RODRIGUES, Arlete M. Habitação e Espaço Social na Cidade de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia nº 64*. São Paulo: AGB, 1986.
- TERRA LIVRE nº 5 – O Espaço em Questão. São Paulo: AGB/Marco Zero, 1988.
- TERRA LIVRE nº 6 – Território E Cidadania – Da luta pela terra ao direito à vida. São Paulo: AGB/Editora Marco Zero – 1989
- TERRA LIVRE nº7 – Geografia: Pesquisa e Prática Social. São Paulo: AGB/Marco Zero, 1990.

¹² Destaco em especial as conversas com Ariovaldo Umbelino de Oliveira, J. M. Gusmão Pinto, Myrna Terezinha. R. Vianna e Regina Célia Bega dos Santos. Infelizmente, alguns grandes companheiros não estão mais entre nós como José Antonio Ronchesel e João Mariano de Oliveira, que permanecem nas nossas lembranças.